

PARABÉNS, PREZADO AMIGO

LUIZ SANCTOS DÖRING
Vice-Almirante (RRm)

Cinco e meia da manhã.

Através do fonoclama, o toque de alvorada.

Despertar sonhando!

Não um evento onírico, provocado por Hipnos, o deus do sono, mas sim um anseio, um projeto, um desejo existencial: um dia ser Oficial de Marinha.

Por que tal escolha?!

Vocação. O mar. Quando se está longe de terra, o oceano não tem limites, senão o horizonte. O espírito pode, então, voar, subir às grandes alturas, ao panteão dos deuses; ao voltar, vem pleno de energia criativa.

Onde sou eu esta alvorada?

No Colégio Naval.

Por que "alvorada"?!

Porque se trata do alvorecer. De um novo dia; mas, principalmente, de uma vida

nova. Um renascer. O resultado de uma decisão tomada aos quatorze, quinze anos de idade, para uma jornada existencial de sete, oito décadas. Assim como o sacerdote jamais deixa de sê-lo, mesmo quando renuncia ao sacerdócio, quem cursa o Colégio Naval jamais se desligará da Marinha; mesmo se desistir da carreira, levará dentro do coração um sentimento de pertencer à Instituição, que nunca o abandonará. É como se o tradicional e majestoso prédio, do início do Século XX, possuísse uma energia mágica, que conquistasse a alma do jovem cursando, definitivamente.

O mar! O Chefe-de-Dia, postado diante do prédio, queda-se, momentaneamente, absorto com a paisagem. Sua visão avança, lentamente, sobre as águas tranquilas, até chegar à Ilha Grande. As pequenas ilhas, colocadas diante da proa, pela Natureza,

não lhe são obstáculos; a imaginação substitui a realidade e a visão prossegue em sua singradura, um dos atributos divinos que a Evolução deu ao *Homo Sapiens*. O corneteiro interrompe-lhe aquela experiência extática, convocando o Corpo de Alunos à Parada Matutina. Pouco depois um navio da Esquadra entra na baía, para demandar ao porto, mas ele não tem a oportunidade de admirar aquela unidade em que, talvez um dia, venha a embarcar; acaba de gritar o “sentido”, em tom marcial e firme, no pátio interno.

De bordo, o oficial de quarto, no passadizo, emociona-se com o que vê: a Enseada Batista das Neves, o Colégio, a mata verde atrás. Quantas recordações!

O Comandante, sentado em sua cadeira, percebe a fisionomia embevecida do Tenente e advinha-lhe a causa. Do alto de sua maturidade, também se emociona. Tempos inolvidáveis! A matutina, educação física, o café da manhã, a parada escolar, as aulas, o almoço, novas aulas, o esporte, a recreação, o jantar, o estudo obrigatório, o toque de silêncio. A memória, espontaneamente, apresenta à consciência outras lembranças: os colegas de turma e das que, à época, conviveram com a sua; as competições esportivas internas; as externas, acirradas mas leais, confraternizadoras, animadas mais ainda pelas torcidas organizadas; as festas no ginásio de esporte, com as jovens que vinham do Rio de Janeiro, de Angra dos Reis ou de outras cidades, namoradas, irmãs, primas, amigas, conhecidas, e convidadas desconhecidas, que sempre surpreendiam pela beleza, pela simpatia, pela cultura, pelo modo único de ser, algumas futuras noivas e esposas; o Grêmio Literário, os artigos para *A Fragata*, as contribuições redigidas para *O Gingilim*, as viagens de adestramento, nas férias, os desfiles, nas cerimônias militares e na Parada de 7 de Setembro, Dia da Independên-

cia, os filmes no Colégio e na cidade, os escaleres, os avisos, o píer, as casas e a praia da Taperinha ... Quantos anos passaram-se? Trinta! E parece que foi ontem!

No alto da torre, o relógio marca o mesmo instante, porém com os ponteiros em outra posição: cinquenta.

O inesquecível Colégio Naval completa 50 anos.

Vamos passar às lembranças pessoais.

Março de 1954. O nosso Colégio ainda não completara três anos. Chegávamos para iniciar o ano letivo. À noite, posto que um dos dois contratorpedeiros-de-escolta, que transportavam os alunos, sofrera uma varia, reduzindo para três nós a velocidade do grupo-tarefa.

No píer, as duas turmas formadas, uma voltada para a outra. Os veteranos fardados, de jaquetão; os calouros a paisana. Gostaríamos de estar, igualmente, uniformizados.

Não demorou muito. Poucos dias depois, em fila na varanda do segundo andar, recebíamos o uniforme mescla, que usaríamos, diariamente, inclusive na Escola Naval. Nas duas pontas do colarinho, o traço preto vertical, simbolizando o Primeiro Ano. Colarinho sempre abotoado, exceto durante a ordem unida.

Ordem unida! Primeiros exercícios.

“Ordináriô ...marche! Acerta o passo. Esquerdo, direito, esquerdo, direito, esquerdo, direito. Tuur-má, alto! Meia-vóol-tá voolver!”. Suor, muito suor. O sol ainda forte. O olhar de esguelha fixado na praia. Que vontade de cair n’água!

Não faltariam oportunidades. A natação em mar aberto. Naquela época ainda não existia a piscina. Enquanto nadávamos, a mente passeava: as gozações de colegas em relação a outros, cenas recentes de bailes de formatura, saudade da namorada, tentativas de recordar as lições ministradas nas aulas ...

As aulas! Os professores, alguns dos quais nos deixaram profunda impressão e dos quais nos lembramos até hoje. Os instrutores. Matérias novas: Física, Química, Marinharia, Geometria Descritiva, Cálculo Diferencial e Integral ... Além das antigas: Português, Geografia, Inglês, ... As turmas de aula: 11, 12, 13, 14, 15; cada uma em sua própria sala. As frases dos mestres escritas, no quadro negro (ou verde?), pelo giz que rodopiava, traçando vogais e consoantes, pontos e vírgulas. O giz baila!

O bailéu. Palavras parecidas, mas antagônicas. A dança é alegria, a pena disciplinar tristeza. No entanto ambas terapêuticas; e a segunda uma concretização da idéia mitológica de purgatório: penar para voltar ao "paraíso". Os poucos que o ocupavam provavelmente sofriam, pela perda temporária da possibilidade de conviver com todas as pessoas. Este isolamento já estava simbolizado pela localização do bailéu, na extremidade de uma das alas do prédio, no andar térreo. Na extremidade oposta, o Grêmio Literário. Os dois educavam, cada um à sua maneira. "Os extremos se tocam", reza o ditado popular.

Rezar. A missa no ginásio de esporte, domingo pela manhã. À noite, o cinema. O padre, ao celebrar a missa, não deixa de ser um ator; quanto melhor o seu desempenho, maior o envolvimento dos fiéis.

Volta de fiel. Fainas marinheiras, nos escaleres, em deslocamentos a remo ou a pano. Vela! A viagem no Navio-Escola Guanabara. "Enxárcias acima!". O serviço de vigia, no cesto da gávea. Navegávamos.

Navegávamos no mar da existência. Os meses passavam. As provas também. Passávamos para o Segundo Ano.

Novos desafios. Segundo-anistas. Veteranos. Comandante-Aluno, Comandantes de Companhia, de Pelotão, Chefe-de-Dia, Chefe de Mesa, e tantas outras tarefas de "mais antigo". Quanta responsabili-

de. Principalmente a do exemplo, para os alunos do Primeiro Ano. O maior desafio. Faça o que eu digo e faça o que eu faço; porque eu faço o que digo.

Fim do ano. Final feliz. Feliz? Bem ... uma tristeza. O aviso afastando-se do pfer. A distância aumentando; o prédio, ao longe, diminuindo de tamanho. A Enseada Batista das Neves, paisagem maravilhosa de todo dia, cenário de relaxamento e consolo, nos momentos tensos ou difíceis, afastando-se também. O enorme esforço de não mais olhar para ré, para trás. Todos à proa. Olhar para vante. Para o magnífico futuro: a Escola Naval, o oficialato, a carreira tão sonhada.

Adeus querido Colégio Naval. Jamais esqueceremos estes anos de 1954 e 1955. Sua alma vai conosco e, com a sua sabedoria, participará, sempre, do estado-maior interior de cada um de nós, nos instantes das grandes decisões, profissionais e pessoais.

Os anos passaram. Em 1984, no livro *Mina*, a recordação da despedida, no Cais da Bandeira, naquele dia ímpar:

À minha Turma.

*Manhã de março! Remota e cara lembrança!
No cais estranho, a dúvida maternal:
onde começa o homem e finda a criança?
Onde termina o sonho e começa o real?*

*Manhã de marco, de marco fundamental.
Em frente o mar; atrás o lar, a segurança.
Ponto de inflexão na curva existencial;
entre o mar e o lar, o coração balança.*

*Oh, as mães! Cuidosas mães! Pais, irmãos, amigos.
Quantas lutas – pensais – quantos novos perigos
terão de enfrentar neste mundo rude e atro.*

*Manhã. Mil novecentos e cinqüenta e quatro.
Tranquilos novos homens, semblantes risonhos,
trocam apenas de lar, trocam só de sonhos.*

Em 1999, no final de artigo publicado pela Revista do Clube Naval, expressávamos o nosso agradecimento pela dádiva que recebêramos:

"Somos gratos, particularmente, à Pátria, que depositou em nós total confiança, como membros da sua tradicional, honrada, histórica e incomparável Marinha.

Quadragésimo quinto ano!

Louvemos a Deus, que nos doou um destino comum, como Turma Dedo.

Acima das lendas e dos mitos está a Sua vontade.

Aleluia!"

Somos gratos, também, ao Colégio Naval, onde tudo começou, naquela noite de março. As décadas correm, voam, porém o inesquecível Colégio está sempre mais jovem. Cada

nova geração de Comandantes, Imediatos, Oficiais, Professores e Instrutores, Funcionários Cíveis, Praças, cada nova Turma, traz-lhe uma grande energia de rejuvenescimento. A renovação, o renascimento, associados à sabedoria da idade.

Tudo o que escrevemos não são palavras apenas pessoais. Temos a convicção de que os componentes de todas as Turmas viveram experiências semelhantes e vêem-se tomados pelos mesmos sentimentos e emoções, ao recordá-las. Na verdade compomos uma única Turma, a Marinha!

Cinquenta anos! Que todos os brasileiros festejem conosco este aniversário.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<EDUCAÇÃO> / Colégio Naval /; 50º aniversário do CN; Nossa Capa;

Nunca sacrifique a honra
para chegar às honras.

De Bugny